

UCRÂNIA

Blecaute afeta 1.162 cidades e vilarejos

Rússia bombardeia 30% das centrais elétricas do país e deixa centenas de milhares de pessoas na escuridão, a pouco mais de 40 dias do começo do inverno. Comandante das forças de Moscou na ex-república soviética classifica a situação no front como "tensa"

» RODRIGO CRAVEIRO

Moradora de Brovary, a 20km de Kiev, a estudante de história Kateryna Shtepa, 17 anos, desabafou à reportagem: "Os russos querem nos congelar, mas não conseguirão". Para não sofrer os efeitos do blecaute, que acomete 1.162 cidades e vilarejos da Ucrânia, depois que as forças da Rússia bombardearam centrais elétricas do país, Kateryna aderiu ao racionamento. "Tento acender a luz somente quando estritamente necessário. Costumo fazer minhas tarefas com a ajuda de uma pequena lâmpada. A água costuma ser fervida em um fogão a gás. À noite, os postes de nossa rua ficam desligados, e nós recorremos à luz de velas", relatou.

Partes de Kiev ficaram sem energia elétrica e sem água, depois que novos bombardeios atingiram a capital, ontem. "Entre 7 e 18 de outubro, como resultado dos ataques às instalações de energia, cerca de 4 mil localidades de 11 regiões foram isoladas. Atualmente, segundo o Ministério da Energia, 1.162 continuam sem eletricidade", anunciou Oleksandr Khorunzhyi, porta-voz do Ministério de Serviços de Emergência do Estado.

Na cidade de Kramatorsk, na região de Donetsk (leste), o prefeito Oleksandr Honcharenko admitiu ao **Correio** que, de tempos em tempos, falta eletricidade. "Temos que viver com 30% do suprimento de energia. Os russos destroem a nossa infraestrutura, na esperança de nos congelar, antes da chegada do inverno, em 1º de dezembro. Em desvantagem no front, eles usam táticas de terror contra a população."

Em publicação no Twitter, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, informou que, "desde 10 de outubro, 30% das centrais elétricas foram destruídas, causando grandes interrupções em todo o país". "A situação é atualmente crítica em todo o país, porque nossas regiões

Yuriy Dyachyshyn/AFP



Soldado ucraniano reza no funeral de quatro colegas mortos durante os combates contra os militares russos, na região de Lviv (oeste)

Teerã nega uso de drones e propõe diálogo com Kiev

O Irã mostrou-se disposto a conversar com a Ucrânia para esclarecer as declarações "infundadas" segundo as quais Teerã fornece à Rússia armas e drones para sua ofensiva contra a Ucrânia. Kiev e aliados acusam Moscou de utilizar aeronaves não tripuladas de fabricação iraniana em seus ataques. O Kremlin, por sua vez, disse não ter conhecimento de que seus militares estariam utilizando essas armas na Ucrânia. Por meio de uma nota, Nasser Kanani — porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã — afirmou que essas acusações "não têm fundamento" e "se baseiam em informações falsas". Kanani acrescentou que o Irã "está disposto a negociar e a discutir com a Ucrânia para esclarecer essas acusações". Na segunda-feira, mais de 30 drones "suicidas" atingiram alvos em Kiev e em seis cidades ucranianas. Prédios residenciais na capital foram destruídos (foto), e pelo menos oito pessoas morreram.

Yasuyoshi Chiba/AFP



dependem umas das outras", afirmou o chefe de gabinete da presidência, Kirilo Timochenko. "Todos os ucranianos devem estar prontos, primeiro, para economizar eletricidade, e, depois, para contínuos apagões, caso os ataques persistam", acrescentou.

Retirada

Pela primeira vez, Sergei Surovikin, comandante das forças da Rússia na Ucrânia, reconheceu dificuldades de suas tropas. "A situação na zona da operação militar especial pode ser descrita

como tensa. O inimigo não desiste de suas tentativas de atacar as posições das forças russas", declarou, em entrevista transmitida pela televisão. Os soldados ucranianos se aproximaram da cidade de Kherson, no sul do país, onde os invasores preparam

a retirada dos civis. "Mais ações em relação a Kherson dependem do desenvolvimento da situação militar e tática, o que não é fácil, e decisões difíceis não podem ser descartadas."

Professor da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, Olexiy



A situação na zona da operação militar especial pode ser descrita como tensa. O inimigo não desiste de suas tentativas de atacar as posições das forças russas"

General Sergei Surovikin,
comandante das tropas russas na Ucrânia

Haran explicou à reportagem que a situação é mais grave na região do Donbass (leste), com blecaute completo e falta de água. "Os bombardeios a centrais elétricas são uma evidência de que os russos sofrem sérias derrotas no front. A forma como Putin responde é atacando a infraestrutura civil. Nesse sentido, a Rússia viola as Convenções de Genebra e comete crimes de guerra", afirmou. "Os russos tentam intimidar os ucranianos, mas creio que vão sofrer uma contraofensiva. Os Estados Unidos começaram a suprir armamentos antiaéreos para Kiev. A estratégia de Moscou é compensar as perdas militares alvejando a população civil."

"Inação"

O governo de Zelensky denunciou a "inação" do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) para ajudar seus soldados capturados pela Rússia. "Infelizmente, em cada troca, constatamos que a inação do CICV levou nossos prisioneiros de guerra e reféns civis a serem torturados diariamente por fome e eletrocussão", criticou o encarregado ucraniano de direitos humanos, Dmytro Lubinets.

REINO UNIDO

Liz Truss luta para permanecer no cargo

Há 43 dias em 10 Downing Street, a primeira-ministra conservadora britânica, Liz Truss, tenta se aferrar ao poder e sobreviver no cargo, depois de o novo ministro das Finanças, Jeremy Hunt, vetar as medidas econômicas anunciadas pelo antecessor, Kwasi Kwarteng, adepto do chamado "Trussonomics" — empréstimos maciços não financiados para permitir que os impostos sejam reduzidos. Com amplos poderes para buscar contornar a crise econômica e aplacar os ânimos do mercado, Hunt assumiu o posto no último dia 15 admitindo "erros" do governo e anunciando que tomaria decisões difíceis.

Acuada, Truss viu-se obrigada a abandonar, ontem, uma de suas principais promessas de campanha: o aumento das aposentadorias em consonância com a inflação crescente. A

premiê pediu aos ministros que busquem cortar gastos. O governo, no entanto, manteve o compromisso de ampliar os gastos com a defesa nacional até 3% do orçamento antes de 2030.

Professor emérito da Universidade de Buckingham, Anthony Glee lembrou ao **Correio** que Truss venceu as eleições e tornou-se premiê com base em um mantra "simplista": a necessidade de crescimento econômico, e a visão de que não se pode taxar o caminho para o progresso. "Era uma alternativa direta às políticas do antecessor Boris Johnson, centradas no combate à inflação e no pagamento dos empréstimos maciços contraídos pelo Estado durante a pandemia da covid-19", explicou.

Segundo Glee, o "Trussonomics" assustou os mercados, que não acreditavam que o Reino Unido estaria em condições de pagar os 200 bilhões de libras

Daniel Leal/AFP



Premiê enfrenta tempestade política após ministro vetar plano econômico

esterlinas necessários (R\$ 1,1 trilhão). "Ontem (segunda-feira), Hunt reverteu cada medida apresentada por Truss, que está

no fundo do poço. Ela detém a menor aprovação entre todos os premiês do Reino Unido. Ela está no cargo, mas não no poder. Para

mim, é simplesmente uma questão sobre quando será demitida, não de 'se'. Falta a Truss autoridade política. Na segunda-feira, durante sessão do Parlamento, ela ficou em silêncio e pálida, ao ver Hunt destruir quase todo o seu plano econômico. Foi uma terrível demonstração de impotência, de total humilhação", disse.

As mais recentes pesquisas de opinião apontam que o Partido Trabalhista tem uma aprovação entre 43% e 50%, enquanto os conservadores fluam entre 21% e 28% e os liberais-democratas, 13%. Se as eleições gerais ocorressem hoje, os trabalhistas ganhariam 411 assentos e os conservadores perderiam 219, cedendo ao Partido Nacional Escocês (SNP) a condição de principal oposição. Para Glee, o novo panorama político seria o reflexo de uma crise nacional sem precedentes. (RC)

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O que quer que Liz Truss faça, ela está acabada. Se tentare manter-se no poder, a difícil situação econômica e o retorno à austeridade sob a gestão de Jeremy Hunt. Se Truss convocasse uma eleição geral, também seria derrotada. Todas as suas escolhas seriam igualmente ruins para ela. Truss perdeu toda a credibilidade política. Creio que ela tenha dias, talvez horas, talvez semanas, antes de ser destituída."

Anthony Glee, professor emérito da Universidade de Buckingham